

*Minha Caligrafia sempre esteve em Perigo
Sempre foi torta.
Nunca tive aquela letra redonda e desenhada.
As letrinhas subiam e desciam morros, vales e vazios da página em branco.
Não tinha nenhuma preocupação com a ortografia certa.
O que iria surgir da minha tortografia?
O que a fibra da folha diria?
Era preciso, retirar todo o excesso.
E retirar o excesso doía.
Calografia soava-me mais apropriado.
Calografia: a possibilidade de dissolver os calos na lisa página em branco.
A ciência dos Calos e suas Histórias.
Calo – uma área dura da pele que se tornou grossa e rígida como uma
resposta a repetidos contatos e pressões.*

Uma leitura possível do poema “calografia” está ligada a reinvenção do olhar, ao alargamento das possibilidades do possível, enfim, ligada a experiência de sair da área de conforto. Esta foi a tônica dos nossos estudos em grupoterapia, às quintas feiras, na Sociedade da Ciência do Sentir (SoCiS – RJ). Nestes estudos dialogamos com os autores tais como: Breves, Bion, Kohut e Pichon Riviere. O grupo composto por pessoas singulares trouxe um pensamento substantivo, pois estudava a si mesmo no próprio exercício de funcionamento do grupo, isto é, na perspectiva da metalinguagem na qual olhávamos para nossas construções subjetivas tão diversificadas.

Este poema “calografia” fala um pouco deste processo ora tenso, ora fluido de estar no grupo e retirar os excessos. Processo que também trouxe muitas reflexões sobre a minha implicação e a qualidade desta inserção nos demais grupos dos quais participo. Uma profusão de sentimentos e profundidades escondidas emergiram.

Comecei a escrever sobre a experiência e não tinha mais vontade de parar, tal a intensidade das imagens e mobilização que invadia meu espírito. O processo parecia infinito e eu não conseguia parar de escrever. Foram várias folhas escritas e reescritas. Era preciso decidir parar. Então, faço a seguir um recorte no que diz respeito ao encontro sensível que tive com a etnia guarani M'Bya em Niterói. Este foi um belo encontro nas minhas andanças de pedagoga, não conhecia a cultura, não falava a língua. Uma relação completamente extra cotidiana, uma relação de aprendiz. Era o silêncio e a palavra... A palavra e o silêncio... Era mais um espelho para me olhar, para me encontrar... Uma cultura que me colocava em outro lugar... Cultura espremida pelo poder do capital, como foi denunciada no mundo Por Frans Krajceberg:

Estamos queimando as árvores, esquecemos que existe um povo que mora na floresta. Eu tenho testemunha fotográfica... seis índios pendurados numa árvore. São queimados vivos. As queimadas continuam. Eu sou um homem queimado. Tudo que nasce neste mundo tem direito de viver ... (tv futura)

Neste encontro o artista possibilitou a matéria, mesmo morta, continuar exalando vida; ergueu, assim, os totens em relação à estupidez humana. Somos pessoas queimadas, mas nas queimadas ainda existem as brasas que podem se encontrar com o vento e tornar-se grandes labaredas a favor da Vida. Este foi o encontro de Franz com raízes e troncos destruídos pelo fogo.

Os guaranis M'BYA também tiveram a aldeia TEKOÁ ITARIPU queimada, no dia 18 de julho de 2008. Exatamente no dia em que toda a comunidade estava reivindicando seus Direitos fora da Aldeia. Quando chegaram estava tudo queimado, Ressaltamos que a aldeia estava instalada na região oceânica do Município de Niterói e de alta especulação imobiliária. É importante enfatizar que os guaranis ocupavam um local, cuja toponímia da área está em

grande parte em língua guarani e que conserva um sambaqui. Com base nas evidências linguísticas e arqueológicas, os guaranis ocuparam o local. A presença deles incomodava muita gente. Então, vi e senti a autoestima desta etnia que mesmo com a violência sofrida se reerguia e reconstruía de novo a Casa de Reza a “OPY”, bem como todas as outras casas(OO).

Como trabalhar pedagogicamente¹ com um grupo completamente desconhecido para mim sendo sua primeira língua o guarani e a segunda o português?

Todas as crianças falavam guarani. Era um desafio imenso, pois não tinha referências culturais para me relacionar com eles. A única coisa que eu podia fazer naquele momento era contemplar, sentir e aprender. O sentir, como nos diz Beatriz Breves, *“não necessita de definição, já que todos possuem não pode ser subdividido em partes com dimensões e espessura, mas apenas ser experimentado no campo de sua intensidade.”* (2018: 16) O sentir é uma invariável humana , porém vai adquirindo colorido dependendo da cultura, das crenças, da moral, do espaço geográfico... enfim, do campo histórico , social no qual a pessoa está inserida.

Os adultos eram bilíngues, mas as crianças falavam em sua língua materna: o Guarany. O contato com elas era através do silêncio, dos olhares e das brincadeiras inventadas. Deslocava-me de um lugar de expertise (pedagoga) , validado institucionalmente, para um olhar de aprendiz.

Grandes foram os desafios: como construir uma relação respeitosa sem estar voltada para uma relação etnocêntrica? Como me comunicar e respeitar o bilinguismo do grupo?

Não foi fácil, logo de início, criar vínculos afetivos com os adultos. Afinal, os indígenas vêm sofrendo um genocídio constante desde o processo de colonização no Brasil. Ao genocídio acrescentamos também o processo de “glotocídio”, isto é, o processo de marginalização

¹ Em 2010 , houve um convite pela Fundação Municipal de Educação (FME/Niterói) para um pedagogo trabalhar na implementação de uma escola indígena no bairro de Camboinhas.

duma língua no seio duma comunidade de falantes, em favor doutro(s) idioma(s), resultando no gradual desaparecimento dessa língua.²

Eram mais de 1.300 as línguas faladas no Brasil. Cerca de 1.100 foram extintas na base da porrada e com elas desapareceram saberes milenares. Sobraram menos de 200 línguas, vivendo na clandestinidade, cochichadas, sussurradas. Falávamos escondidos, exclusivamente dentro das aldeias, línguas que nunca entraram na escola, de onde foram enxotadas e banidas. Nos internatos salesianos do Rio Negro, quem abria a boca em sua língua materna era castigado sem dó nem piedade, isso até recentemente, até 1988, quando a Constituição nos devolveu o direito à fala. (FREIRE: 2009)

Eu não tinha acesso as discussões, as falas dos guaranys , pois a língua também era um elemento de controle da informação entre eles. Portanto, também não faziam questão que eu a aprendesse. Afinal, eu era uma pessoa completamente estranha e ficava restrita ao espaço da escolinha.

Além de uma pedagoga, tínhamos dois professores que deveriam ser guaranis. Mas apenas um deles era Guarani (Darci – filho de dona Lídia). O outro, Vicente Cretton doutorando da UFF, era uma pessoa de confiança do grupo e inclusive conhecia muito bem a língua. Na escolinha ele fazia a mediação entre as duas línguas principalmente com os adolescentes, mas as crianças não ficavam na aula dele. Elas eram livres para sair. Foram as crianças que possibilitaram a continuidade de minha presença na Tekoá durante dois anos. Elas sinalizavam um caminho amoroso quando me presenteavam com uma pitanga retirada da pitangueira, com um abraço caloroso ou ao me receberem de forma entusiasmada. Estes fatos tocavam-me profundamente, pois eram crianças de 3 , 4 , 5 e 10 anos de idade. A alegria

² <https://pt.wiktionary.org>

delas causava um certo estranhamento e curiosidade nos adultos. Esta atmosfera afetiva das crianças nutria minha vontade de continuar no grupo nos momentos difíceis.

Havia todo um movimento tensionado neste espaço no qual se desenhava a possibilidade de negociação entre a família extensa e os juruás. Os interesses econômicos, a venda de artesanato, as trocas simbólicas e discursivas caracterizavam este contato Interétnico. Contato este que trazia à tona representações recíprocas, e por contraste, os guaranys afirmavam sua identidade.

De fato, era necessária uma equipe multidisciplinar para um trabalho efetivo de pesquisa validando a riqueza de possibilidades que se apresentava no grupo. Principalmente, no que diz respeito ao fortalecimento da variedade linguística. Este fato nos faz refletir sobre a importância de acolher, mas ao mesmo tempo, possibilitar a qualidade deste acolhimento, principalmente com setores tão excluídos de nossa sociedade. Eram diversas as dificuldades, inclusive geográficas. “Desde os anos de 1970, Camboinhas é palco da disputa entre ambientalistas e empreendedores imobiliários e, já nesse período o IPHAN pediu ao governo do Estado medidas de proteção à área. Afirmando seu valor para pesquisa arqueológica.”(2012)

O espaço no qual estavam implementando a escolinha é uma área de restinga de difícil acesso. O ônibus não chegava até lá. Fazia, então, o seguinte trajeto: pegava um ônibus de São Gonçalo até o centro de Niterói, depois outro até Piratininga. E, finalmente, uma moto táxi, ou caminhava aproximadamente 30 minutos para chegar até as dunas. Enfrentava uma total falta de estrutura para realizar o trabalho. Na volta fazia o caminho inverso e mais rápido: atravessava as águas do canal de Camboinhas com a bolsa de materiais pedagógicos e com as roupas. Parte carregava nos braços e parte na cabeça para não molhar. Sempre levava um biquíni ou um short para atravessar o canal. Geralmente, ficava na aldeia pela manhã. Numa tarde lá pelas 14 horas, atravessava o canal para fazer meu retorno. Mas não havia percebido que a maré estava cheia. Tenho apenas um metro e meio de altura e o nível da água já estava

acima do meu tronco. Fui caminhando bem devagar e com cuidado. Enfim, cheguei ao outro lado da margem do canal. Quando limpei meus pés de areia e fui vestir a calça comprida, cadê a calça? A maré havia levado e não percebi. E agora? Como iria para o centro de Niterói com uma blusa, sem as calças e com sandálias de saltinho. Olhei para a água ansiosa, pedi ajuda a um menino que ali se encontrava, mas não adiantou. Olhamos a água que já tinha levado a peça para longe.

Depois da tensão, não tinha mais o que fazer, ri da situação. Estava com fome e fui caminhando até o ponto de ônibus. Quando vi uma pensão. Então faminta, relaxei e resolvi almoçar. Conteí a história para a senhora que servia a refeição. Enquanto esperava o prato feito perguntei: a senhora não tem uma roupa para me emprestar? Ela riu e falou: “Espera um pouquinho...” Quando terminei o almoço ela trouxe uma bermuda preta sem bainha que coube perfeitamente no meu corpo. Parecia sob medida. Fui salva pelo brechó da dona da pensão que não cobrou nada pela peça e voltei para minha trajetória cotidiana...

Mas o que uma juruá estaria aprontando com as crianças? A linguagem era a das sensações, da arte, dos afetos. Mas num primeiro momento não foi assim... Algumas se escondiam sob a mesa, outras atrás do armário e me desafiavam com o olhar desconfiado...

Através das cestaria, dos petynguas e do modo de ser guarany; percebi a existência estética deles. Partilhavam de uma outra relação com a natureza, com os animais a qual, geralmente, perdemos contato. Conversando com Maurício - um amigo que trabalha com artes, pensamos materiais alternativos e não estruturados para trabalhar com o grupo tendo em vista a precariedade de recursos. Aprendi a manusear máquinas como serra elétrica e lixadeira para dar conta de algumas atividades com madeira. Estava construindo uma maneira potente de me relacionar com as crianças, através de um diálogo produtivo sem as palavras. Inventando novas formas de trabalhar com eles. Esta interação desafiava-me muito. Havia uma comunicação intersubjetiva ultrapassando qualquer limitação, pois estávamos dentro da intensidade do Sentir experimentando a convivência com diferenças extremas.

Também me disponibilizei a praticar algumas aulas da língua guarani com o Alberto Alvares (Guarani Kaioá).

Com o passar do tempo meu vínculo afetivo com o grupo se fortaleceu; a sala de aula se ampliou. A restinga era um grande quintal para brincarmos: correr pela areia, saltar de alguns barrancos, brincar de jacaré nas águas do canal. Ao ver uma revoada de borboletinhas voando Letícia falou: “popozinha, popozinha!”. Ela criou um neologismo entre a palavra “popo” borboleta e o diminutivo “inha”, então, “ popozinha” (borboleta pequena) revelava , numa situação de línguas em contato, as fronteiras tênues entre as duas línguas e toda a potencia poética de invenção da criança, revelando a porosidade e a criação na linguagem e o nosso despreparo , ignorância em não saber lidar com os saberes linguísticos, com a multiplicidade da linguagem em nosso país. Digo da universidade ao ensino básico.

No primeiro dia de “aula” todos os adultos estavam pitando o “petyngua” (cachimbo). Espantei-me com mesas e cadeiras dispostas de maneira tradicional, hierarquizada e com a quantidade imensa de fumaça em toda a sala de aula multi seriada. No ambiente estavam tanto adultos de diferentes faixas etárias quanto crianças. Inclusive um cãozinho chamado “angujá” (rato) que ficava sobre uma carteira acompanhando todo o movimento da aldeia com enormes olhos esbugalhados e orelhas atentas. O espaço estava organizado tal qual uma escola comum. A escolinha refletia também o sentimento religioso do grupo, pois o nome escolhido era “Amba Porã” (altar sagrado). Hoje, tenho consciência que aquela era estratégia de negociar com o juruá e se apoderar de um outro conhecimento como máquina de guerra.

Esta experiência tocou-me profundamente. Depois de dois anos de trabalho com os guaranis e com a partida deles para Maricá, Parapoty (dona Lídia) me falou: “você é uma índia perdida na cidade”. Aquelas palavras encontraram um lugar de ressonância dentro de mim. Foram dois anos de mergulho intenso junto a crianças e adultos numa cultura introspectiva e religiosa a qual aprendi a conviver, a amar e ser amada. Inclusive participei da cerimônia do *ñemongarai* na qual fui batizada e recebi o nome Araí revelado por *ñanderu* à pajé (dona

Lídia). Nunca esquecerei as mãozinhas afetuosas e delicadas das crianças aspergindo um líquido em minha cabeça e da atmosfera sagrada do momento. A relação com a natureza, com os animais e o carinho daquelas pessoas que começaram a me ver como irmã – “uma índia perdida na cidade”.

Através deste processo refleti no/sobre: o encontro com o outro, com as relações de poder entre as esferas: governamentais e não governamentais; sobre o movimento entre o pensamento arte e o pensamento institucionalizado e sobre as representações discursivas que aprisionam o olhar aniquilando as diferenças. E, principalmente, sobre a linguagem resgatando a voz do que está calado, mas que existe e insiste.

Neste sentido, o trabalho sensível, permite fluxos criativos e, muitas vezes, silenciados em diversos campos institucionais. Mas é preciso coragem para desnudar preconceitos, representações desqualificadoras e se situar a favor da Vida; num campo vibracional indizível que reverbera e comunica...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BREVES, Beatriz. **O Eu Sensível**. Mauad. RJ. 2018

_____. **Introdução ao Conhecimento de Grupos e ao Capital Sensível**. Clube dos autores, RJ 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa. O que Werá foi fazer no Congresso Junguiano? Disponível em : <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1356> . Acesso em 10/02018.

_____. Se eu fosse índio: as línguas. Taqui Pra Ti. Diário do Amazonas. 17/05/2009. Disponível em: <<http://www.taquiprati.com.br/cronica.php?ident=19>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

_____. Seminário Brasil, brasis: O índio no Brasil contemporâneo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PcDSQE223sg>. Acesso em 10/05/2018

LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras – Identidade étnica dos guarani-Bya**. Florianópolis. Cortez.1996

PISOLATO, Elisabeth e outros. **Camboinhas: Debates em torno de um “lugar indígena” e da “Cultura”**. Juiz de Fora (mimeo) 2012. seer.ufjf.br/index.php/principia/article/download/48/34/

<https://pt.wiktionary.org/wiki/glotoxic%C3%ADdio>

